

DEUS E PÁTRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^a REV.^{ma} O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Director, Editor e Administrador — *Avelino Alves Sampaio*

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Belinho — ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPREZA — DEUS E PÁTRIA

Composto e impresso na *Typographia Viziense* — Rua Silva Gago, 42 a 46 — VIZEU

O EVANGELHO

Domingo 22.º depois do Pentecostes

N'aquelle tempo: retirando-se os phariseus, formaram conselho para apanharem Jesus no que dissesse: e enviaram-lhe seus discipulos com alguns herodianos, dizendo-lhe:

— Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas segundo a verdade o caminho de Deus, e não te preocupas com o quer que seja, porque não ha para ti accepção de pessoas: diz-nos pois qual é a tua opinião: é licito pagar o tributo a Cesar, ou não?

Mas Jesus, conhecendo-lhes a malicia, dissé-lhes: Para que me tentaes, hypocritas? Mostrae-me a moeda do tributo.

E elles apresentaram-lhe um dinheiro.

E Jesus disse-lhes: De quem é esta imagem e esta inscripção? Disseram-lhe: de Cesar.

Então dissé-lhes: Dae pois a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.

(Do Ev. de S. Matheus, c. XXII, 15-21).

REFLEXÕES

A armadilha estava bem preparada. Se Jesus respondesse que os Judeus deviam pagar o tributo ao imperador romano, os phariseus tratariam de apontá-lo ao povo como traidor á patria, pois reconheceria como legitimo o dominio de um soberano estrangeiro; se respondesse que não deviam pagar o tributo a Cesar, iriam os herodianos accusa-lo de sedicioso, de inimigo de Cesar. No primeiro caso, seria odiado pelo povo; no segundo, seria perseguido pelas auctoridades romanas, representantes de Cesar na Palestina conquistada.

Ora Jesus, sabedora infinita, conhecia os maliciosos propositos dos seus inimigos, e porisso lhes disse: «Porque me tentaes, hypocritas?»

Sim, hypocritas. Os phariseus fingem-se muito escrupulosos em cumprir o seu

dever, elles que não hesitam em saltar por cima dos deveres mais sagrados.

A sua hypocrisia chega ao ponto de mostrarem escrupulo de pagar o tributo ao imperador estrangeiro, porque isso seria reconhecer lhe o dominio e, afinal, não téem duvida nenhuma em possuir e usar as moedas cunhadas por esse mesmo impêrador!

D'ahi a resposta de Jesus: «Mostrae-me a moeda do tributo... De quem é esta imagem e esta inscripção?»

«De Cesar» — responderam os phariseus.

Pela sua propria bocca se condemnaram. Usando as moedas de Cesar, reconhecem o seu dominio, pois que o direito de cunhar a moeda é privilegio da auctoridade soberana; porque não hão de reconhecê-lo pagando-lhe o tributo? «Dae a Cesar o que é de Cesar».

Porém alli estão também alguns herodianos, assim chamados porque pertenciam ao partido de Herodes e dos romanos; zelavam os interesses de Cesar e cumpriam as suas leis, mas, como bons epicuristas, dispensavam-se de observar as leis divinas para se darem a todos os prazeres.

Porisso Jesus acrescenta: «Dae a Deus o que é de Deus».

Assim, aos phariseus recommenda os deveres para com o poder civil e aos herodianos os deveres para com Deus.

Na verdade, quem não cumpre os deveres civis não é bom christão; e vice-versa, o bom christão é necessariamente bom cidadão. O que «dá a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus» — esse é o homem perfeito.

Deve, porém, notar-se o seguinte: para que as leis do Estado mereçam o nosso acatamento, é necessario que ellas sejam justas, isto é, não estejam em opposição com as leis de Deus.

O Estado tem direito ao nosso tributo em dinheiro, serviços e sangue para o bem commum; mas se nos reclama além disso a consciencia, então exorbita, reclama para si o que a Deus pertence, e não tem direito á nossa obediencia.

A palavra de Jesus é bem clara; porém muitos, diligentes em cumprir as leis do Estado, não téem igual diligencia em cumprir as leis da Igreja. Por exemplo, apressam-se a registrar o nascimento dos filhos, mas não téem pressa de os mandar baptisar; mandam os filhos á escola, como o ordena a lei civil, mas não os mandam á missa, á cateche-

se, á desobriga, como ordena a lei de Deus... Respeitam fielmente as determinações das auctoridades civis, e desprezam as determinações das auctoridades ecclesiasticas.

Reprehensivel procedimento, proprio de quem não tem fé ou não tem consciencia!

Consequencias da mancebia legal

Perante Deus e a Igreja os christãos que fazem apenas o chamado *casamento civil* e apezar d'isso vivem juntos, são escandalosos, verdadeiros concubinarios ou amancebados, e porisso:

1.º Não podem receber os sacramentos;

2.º Não podem servir de padrinhos;

3.º Não podem ser admitidos como mordomos de qualquer festividade nem desempenhar quaesquer outras funcções na igreja;

4.º Nenhuma pessoa honesta deve recebê-los em casa nem visita-los;

5.º Se morrerem sem legitimarem a sua união e repararem o escandalo, não poderão ter acompanhamento religioso;

6.º Os filhos são para todos os effeitos considerados pela Igreja como illegitimos.

Os que vivem assim em concubinato, embora legal, são um escandalo permanente para os fieis e tornam-se responsaveis por todas as consequencias do seu mau exemplo. *Ai d'aquelle por meio do qual vem o escandalo!* disse Jesus Christo.

E que diremos do escandalo dado mais tarde aos filhos? A palavra do Divino Mestre é tremenda:

«Aquelle que escandalisar um d'estes pequeninos, merece que lhe seja atada ao pescoço a mó d'um moinho e que o deitem ao mar».

Quem vive amancebado, ainda que *legalmente*, vive constantemente em estado de peccado mortal, em rebolião constante contra Deus, sempre em perigo de eterna condemnação.

De mais d'isso, é claro que lhes faltam aquellas graças especiaes que lhes seriam necessarias para viverem em paz e harmonia e para educarem os filhos; porque essas graças só o sacramento do matrimonio as dá quando santamente recebido.

D'ahi o tornar-se a vida domestica um inferno; falta o amor verdadeiro en-

tre os paes, e falta o respeito dos filhos para com elles.

O lar domestico, em vez de ser um santuario e uma escola de virtudes, é necessariamente um foco de vicios e de desordens.

Onde está a mancebia, não pode estar a educação christã, e sem esta é impossível a honestidade, a ordem, a harmonia, a felicidade.

Matar ou morrer!

As alfurjas mandam matar

E' bom que todos os portuguezes conheçam este facto que vem juntar-se a innumeraveis outros, demonstrando os instinctos sanguinarios da maçonaria.

E' narrado per um jornal digno de fé:

«Noticias particulares, que nos chegaram hoje de Setubal, dizem-nos que foi alli assassinado no quartel de infantaria 11 o 2.º sargento Anastacio de Sousa, que estava incluído na lista negra dos officiaes inferiores que deveriam ser mortos.

O crime, que foi commettido por um fanatico, deu-se na segunda-feira pelas 10 horas da noite, hora a que o assassino, um soldado do mesmo regimento, se dirigia a casa da victima para o chamar ao quartel para uma ordem de serviço.

O sargento Sousa, que era muito estimado no regimento, immediatamente desceu a escada para sahir. Foi n'esta altura que um tiro recebido em pleno peito, o prostou sem vida.

O assassino pôz-se em seguida em fuga, sendo perseguido pela patrulha de infantaria 11, que o não conseguiu prender.

Vendo que não poderia escapar-se, por continuar a ser perseguido, o soldado apresentou-se na companhia de sapadores, onde ficou sob prisão.

Quando era conduzido para o quartel declarou com o maior cynismo, na frente d'alguns sargentos e soldados, que matara o Anastacio de Sousa **porque lhe tinha cabido em sorte.**

«Depois—acrescentou—fiz hontem «fita» para vêr se era preso. Como não me prenderam e o praso para o matar acabava hoje, matei-o, se não matavam-me a mim.»

Quando lhe perguntaram os motivos porque o infeliz sargento fóra condemnado a ser assassinado, respondeu:

«**Não digo mais nada, porque os meus irmãos da associação e eu jurámos pela nossa honra (?) não dizer coisa alguma.**»

Os romances prohibidos aos menores

O facto não se dá em Portugal. Crêdo! nem pensar n'isso. Proibir leituras nocivas aos jovens...—seria attentar contra a mais sagrada regalia do povo *livre*.

O facto dá-se nos Estados Unidos da America.

As autoridades ordenaram que aquelle que vender a um jovem menor de dezois annos um romance sem auctorisação dos paes ou tutores correspondentes,

seja castigado com uma multa de cem dollars, isto é, de um conto de reis!

Quem pensa n'estas *coisitas* em Portugal?

A' LAREIRA...

Porque a nossa alma é espirito, e por isso a não vemos, eis a razão porque nem sempre lhe prestamos os cuidados necessarios.

Quando um doente sofre de doença contagiosa, fogem todos os que não têm necessidade de tratar com elle, e os medicos e enfermeiros empregam as maiores cautelas ao approximarem-se.

Porque é que as mesmas cautelas se não hão-de usar no contacto com as pessoas cuja alma é infectada de molestia contagiosa e nojenta?

Soffrem de doença contagiosa os *jogadores* cujo vicio, por suas palavras e seus exemplos, facilmente pega nos outros.

Soffrem de doença contagiosa os *libidinosos*, cujo contacto é pestifero, cuja conversação é pernicioso, cuja companhia ameaça ruina e perdição.

Soffrem de doença contagiosa os *impios*, cujo desprezo pelas leis de Deus e da Igreja arrasta muitos ingenuos que se fiam nas suas palavras.

Soffrem de doença contagiosa as *escravas da moda* que á sua vaidade sacrificam a sua consciencia e escandalisam pelo modo despudorado como vestem.

E' preciso evitar o contacto d'estes e outros *doentes* para que o seu mal se não propague; é preciso fugir das más companhias que são a ruina de muitos.

Sulpicio Severo.

Da peste, da fome e da guerra, livrae-nos, Senhor!

Quando ha dias entrei na carruagem do comboio, que me conduziu a Braga, deparei entre os passageiros do meu compartimento com um parochico meu amigo, d'aquella archidocese, que me apresentou o seu companheiro de viagem, uma bella figura de minhoto, possuindo uma alma verdadeiramente christã e portugueza.

Esse viajante chamava-se José Rodrigues Martins, proprietario no Barral, freguezia de S. João de Villa Chã, do concelho de Ponte da Barca, local, onde ha mais d'um anno se deram duas Apparições, que os jornaes da epocha referiram.

Como é de prever, cahimos facilmente n'um assumpto, que muito me interessava, e sobre o qual desejava obter noticias mais precisas do que aquellas que possuia.

Perguntei-lhe se as Apparições que se diziam ter dado n'essa localidade, em que era proprietario, já haviam esquecido?

Uma larga e desenvolvida exposição de factos obrigou-me a um prolongado silencio.

Meu Senhor, começa o nosso entrevistado, hoje não é só o pequeno vidente Severino, que attesta a veracidade das Apparições, cuja natureza ha-de ser definida pela commissão nomeada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo,

mas são tambem os factos, que parecem confirma-la.

Não me refiro sómente ás multidões que dia e noite se acercam do local privilegiado, e alli deixam o seu obulo em cera, ou dinheiro, que se avoluma todos os dias na caixa das esmolas, mas tambem aos factos extraordinarios que alli se dão.

Não posso definir como milagres o que a Igreja ainda não definiu, mas o que eu posso dizer, é que devido á intercessão da Apparição muitas pessoas têm conseguido graças extraordinarias, que o povo denomina milagres, e que eu sem chegar ahi, não sei como pos- sam ter qualquer explicação humana.

Um pequeno de cinco annos, mu- do de nascença, da freguezia de Tou- vedo, falla na mesma noite, em que os paes, desolados, invocam em seu auxilio a protecção da Senhora das Apparições.

Uma mulherzinha da mesma localidade, que tinha, ha longos mezes, nove fundos buracos n'uma das pernas, conseguia no dia immediato aquelle em que se arrastou até ao Barral, levar o jantar ao marido a tres leguas de distancia, sem que a perna mostrasse mais do que umas cicatrizes.

Um pobre rapaz de Santa Christina vinha ao local das Apparições, seguido de grande numero de povo da sua freguezia e circumvisinhas, agradecer a cura d'uma perna, que de cancerosa e putrida, que estava, se havia transformado em boa e sadia.

Um ferrador da Barca, que tinha duas roturas, que pareciam duas grandes cabeças, invocando de noite Nossa Senhora do Barral, apparece curado na manhã seguinte.

Uma pobre mulher, d'uma freguezia do concelho de Villa Verde, vem ao Barral pedir a cura de sua filha entrevada; quando volta a casa, depara com a filha, que n'esse mesmo dia de manhã pediu á mãe para ir em seu nome ao sitio das Apparições, a dingir-se á fonte com um cantaro á cabeça.

E quantos casos como estes eu não poderia referir!

Todos elles se têm dado nas proximidades do local, e muitos mais haveria por todo o Portugal, se sobre elles se não houvesse guardado um silencio, que é difficil de explicar.

Interrompi o relato dos acontecimentos fazendo esta pergunta: E' facto que o Severino é um rapaz bastante concentrado, doente e nervoso?

Isso é redondamente falso. Quem lhe disse isso, mentiu.

O Severino, que hoje tem 12 annos, é uma creança verdadeiramente normal, nada tendo de concentrado, de doente ou nervoso. E' um rapaz de purissimos costumes, mas é como os rapazes da sua idade, gostando de rir, saltar e brincar.

O contrario d'isto é que seria para estranhar e para concluir, que se tractava mais d'um visionario do que d'um vidente.

Quando foi das Apparições, continua o nosso bom amigo Martins, muitas pessoas extranharão que a Visão recommendasse uma oração contra a peste, e não contra a guerra.

CONVERSANDO...

—A epidemia, que horror, compadre!

—E' verdade. Nunca se viu em Portugal uma coisa assim.

—Eu ando verdadeiramente apavorado. Por vezes chego a pensar que tudo isto que se vê e se ouve é um sonho. Concelho com dois e tres mil doentes, freguezias com centenas e centenas d'elles, familias inteiras prostadas no leito, milhares de doentes em perigo de vida, sem medico, sem remedios, sem roupas, sem alimentos... em habitações infectas... Innumeraveis jovens d'ambos os sexos, homens e mulheres no vigor da vida, arrebatados pela morte!... que horror!

—Uma verdadeira catastrophe nacional.

—E a sciencia não lhe dá remedio!

—Qual remedio nem meio remedio?! A sciencia anda ás aranhas; e porisso o numero dos infeccionados augmenta dia a dia, e n'alguns pontos do paiz o numero de mortos é tal que a população ficará dizimada.

—Deus nos accuda!

—Só Elle nos pode accudir. Mas ainda ha muitos infelizes que não querem olhar para o ceu: attribuem tudo a causas naturaes; não vêem ou não querem ver n'estes flagellos que de tempos a tempos affligem a humanidade, a mão de Deus que castiga assim os nossos peccados.

—Diz bem, compadre: isto são castigos de Deus.

—Castigos misericordiosos. Os homens esqueceram o fim para que foram creados. Geralmente, o que a gente do nosso tempo quer é gozar, gozar, gozar. Esqueceu Deus e em vez de louva-lo, trata de offende-lo, rindo-se das verdades da fé e desprezando as mais santas regras da moral. Ora Deus quer chamar esses infelizes, esses loucos ao bom caminho, fazendo-lhes sentir que tudo n'este mundo é vaidade e afflicção d'espírito, excepto amar e servir ao Senhor; que este é um valle mundo de lagrimas e não um paraíso de delicias. Para accordar a humanidade veio a guerra com o ribombar dos canhões; mas pouco resultado produziu. Veio a fome; e só provocou desordens. Agora veio a peste, a ver se consegue o effeito providencial que os outros flagellos não conseguiram.

—E se nem assim?...

—Então, ai da humanidade: viriam novas calamidades e talvez o fim do mundo.

—E' o que me parece: isto é já o principio do fim. O mundo não existe muito tempo...

—Não digo nada a esse respeito, porque a ninguem foi revelado quando acabará o mundo. Mas eu penso que d'esta tremenda calamidade ha de resultar que muitos dorminhocos hão de accordar. Não ha nada como o pensamento da morte e da vida futura para refreiar as paixões e despertar a fé. Ora as epidemias a cada momento nos trazem ao espirito esse pensamento terrivel, mas salutar.

—Assim é na verdade.

O anti-clerical Clemenceau

confessa o seu erro

Dizem de Paris:

«Nos meios catholicos tem sido muito comentada uma conversa de Clemenceau com o cardeal Amette, na qual o presidente do conselho confessára os seus erros passados, declarando que a razão e a justiça assistiam aos catholicos. Clemenceau affirmou tambem que, depois da guerra, a situação se modificará completamente.»

A ninguem fica mal arrepender-se do mal feito e confessar a culpa. Clemenceau, actual presidente do governo francez e celebre perseguidor da Igreja, se é verdade o que ahi fica, está resolvido a fazer justiça aos catholicos.

Oxalá assim seja.

Fé sem obras

A excellencia da fé sem obras é doutrina de Reforma protestante. Lutero chegou a affirmar que as boas obras não sómente não são necessarias para a salvação eterna, mas esta salvação é possivel até mesmo com o maior numero de peccados e de obras más. A fé, dizia o reformador, tem tal virtude que onde se encontra, apaga todas as culpas.

Mas é evidentissimo que excluir as boas obras da justificação é sancionar o delicto e querer fazer o mal á sombra do Evangelho, sob a egide da Cruz. A Igreja ensina que para alguém se salvar não basta fazer parte do seu corpo; isto é, não basta ter recebido o baptismo e crêr em todas as verdades do Evangelho; é, de mais d'isso, necessario fazer boas obras, obras santas, para ser vivificado pela alma da Igreja. Assim como um membro humano está vivo enquanto a alma o vivifica e o membro morre apenas cessa o influxo da alma, do mesmo modo estão vivos na Igreja sómente aquellos membros que estão unidos a Jesus Christo pelo vinculo da caridade e da participação dos sacramentos. Os que professam a mesma fé mas estão privadas da caridade e de obras santas, romperam a união com Jesus Christo, união que é a caridade; são membros mortos por estarem *espiritualmente* separados de Jesus Christo e serão, porisso, excluidos da gloria eterna.

Esta doutrina é solemnemente definida pelo sagrado Concilio de Trento (sess. VI, can. 19, 21); doutrina de Jesus Christo, exprimida pelo Apostolo: «Não são os que ouvem a lei que serão justificados deante de Deus, mas os que põem em pratica a lei, esses é que serão justificados» (*Aos Rom.*, II, 13); «ainda que tivera o dom da prophacia e entendera todos os mysterios e todas as sciencias, ainda que tivera fé para transportar as montanhas, se não tenho caridade, nada sou» (*1.ª aos Cor.*, XIII, 2).

A religião de Jesus Christo, assim como se impõe ao entendimento do homem, assim tambem se dirige ao seu coração e vontade. Ao *primeiro* propõe verdades especulativas, ao *segundo* leis praticas. Estas duas coisas são por tal modo inseparaveis, que «se alguém dissera que crê em Deus e ao mesmo tempo não observasse os mandamentos divinos, diz S. João, seria mentiroso» (*1.ª carta*, II, 4),

seria um membro morto da Igreja, que serviu effectivamente ás virguleas do Evangelho o esperar com a o Espoço, estarem certas da sua vida, terem as alâmpadas da fé? De nada faltou-lhes o azeite da caridade e tiveram que ouvir aquella sentença inerravel: «Não vos conheço, *nescio vos*» (*Math.*, XXV, 12).—O servo negligente, é verdade, apresentar-se ao senhor com o seu talento; mas como tinha *grangeado* nada com elle, ou aquella terrivel sentença: *inutilem servum ejicite in tenebras exteriores* (*S. Math.*, XXV, 30). Apresentem-se, portanto, ao celeste banquete os que querem contentar-se com a fé sem obras ouvirão dizer-lhes: «Amigo, como traste aqui? *Amice, quomodo huc trasti?*» (*S. Math.*, XXII, 12); serão arremessados para fóra e condemnados. Portanto se queremos salvar-nos, imitemos aquelle que é a causa da nossa salvação, Jesus Christo, que nos deixou sua vida um *exemplar* perfeitissimo a nossa.

P.º Dianda.

A GUERRA

Grandes têm sido as victorias dos aliados, sobretudo na frente occidente. Apesar de todas as propostas de paz, aliados continuam combatendo com maior successo.

Não ha duvida, a hora da paz é proxima. A nossa victoria é certa. O imperio allemão tem os seus dias contados.

ADIVINHA POPULAR

Pequeno como me vês,
tu sem mim nada serias,
nem findaria a noite
e acabariam os dias.
Amigo da humildade,
ella de olhar-me tem medo;
por ella me deito ás trindades,
por seu amor me ergo cedo.
Muitos há que em mim reparam,
quando me estou a esconder,
que estando eu bem á vista
já ninguem me pode vêr.

Decifração do numero anterior
Mosquito.

Calendario religioso da semana

Outubro

Domingo, 20.—Santa Iria, virgem e martyr, portugueza.

Segunda feira, 21.—Santa Ursula e companheiras, virgens martyres.

Terça feira, 22.—Santa Maria Lomé.

Quarta-feira, 23.—S. João de pistrano.

Quinta-feira, 24.—S. Raphael chanjo.

Sexta-feira, 25.—S. Crispim e Crispiniano, martyres (*Abstinencia*).

(Os pobres e quem tem os Indultos dispensados da abstinencia.)

Sabbado, 26.—S. Evaristo, Martyr.

Quarto. ming. ás 17 h. e 35 m.